

O QUE FICOU LÁ

Livro 77

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



ESPAÇO DO RISCO

Eu te ofereço o espaço do risco, do profundo existir, da aventura, do indizível porque te confio minhas impensadas faltas de autonomia. O que não penso e não concebo é que algum dia me pensem como esquecimento. E por todas as considerações não estendo nada porque nada posso mostrar minhas saudades minhas ansiedades, como segredos aprisionados no meu silêncio para guardá-los como relíquias não expostas. De onde terei o alimento que me mantenha, se desde dentro me encho de ruídos. As fotografias legendam o contado e se expõem à luz, sem omissões, aquilo que organizou a história e deu o direito da narrativa aberta e sem cortes nem censuras. Este funcionamento confirma que o passado não oculta; revela.

PROFUNDOS PESARES

Profundos pesares forjam temores. Localizado na fragilidade temporária, não sei fazer frente ao risco que anda livre, invadindo pessoas e coisas determinado que morram de mortes precoces, regulares, sem espanto, como condenados sem reversão, sem sentido, estabilizados no pior apesar de todos os pedidos.



DORES

Sinto uma dor imensa e bruta, dissimulada pelo medo de atrair algo pior referido aos processos interrompidos, aqueles que subtraem vidas, oportunidades.

Tu e o amor que te tenho nunca se dão o suficiente. Apesar de todos os pedidos, de todas as fugas evitadas, os afetos se esquivam da decepção que lhes tira a urgência da existência, e assustados, acabam usados em solenes despedidas rivalizadas, desviada do amor que outrora os convocava.

CHAMO EM AUXÍLIO

Cobro forças para apetecer festa e prazer. Chamo em auxílio a lembrança da linda madrugada que recebeu nosso primeiro amor. Logo ela mandará notícias nas próximas recordações, isentando isolamentos e fugas, convidando-me a voltar.



REPETIÇÃO

Perco interesse naquilo que invisto como uma repetição. Um suspiro de alívio anula a dor ofertada.

OS IDEAIS

Intercedo com sonhos para não os perder, tomo cuidado com os ideais que não se cumprem. Não sei outras formas de manutenção.



ATIVIDADES PARASITÁRIAS

Atividades parasitárias se ocupam em nivelar a nostalgia, a renúncia, a surpresa, a desigualdade, a injustiça, o ressentimento.

ANÚNCIO

Persiste o anúncio de uma novidade. Reconheço que não posso fugir do propósito de promover alegrias inesperadas, misturando agradecimentos e obrigações. Tenho poderosas razões para te interessar. Limito-me a contemplar. Ainda não sei para onde dirigir os louvores. Vivências precedentes indicam sempre altas doses de prudência. Fazer-nos admitidos exige considerarmos certa habituação.



ARTE DA ILUSÃO

A arte da ilusão inventa gavetas imaginárias, perverte os tempos e atualiza as grossas carências, sempre vigentes e demandantes. Segundo o nosso acordo, aquele que batesse à porta, haveria de encontrar um carinho de acordo com a ordem de chegada ou urgência, se não fosse ainda executada a exclusão, que submete o romance à ira e a confiança à indelicadeza.

DE ACORDO

De acordo com as nossas declarações de amor, as promessas serão suficientes para considerar uma nova tentativa. Vivo um estado de defesas relativas, tenho medo de que nossos planos comuns possam vir a se acabar.



ALMA CALADA

Há, entretanto, algo que pode parecer insincero. Atividades parasitárias ocupam-se de fazer-me admitir obediência, exigem que eu acate sua opinião inteira, oferecidamente dirigida. Temo que a minha alma se afaste daqui, infiltre-se lentamente como ocultamento. Tenho a indignação ferida cujas bordas invisíveis me fogem da consciência, vez que outra roça me incomodando, insistente, mas não sai dali. A minha alma nem sempre informa ao meu corpo suas perdas imediatas, suas dores por contágio.

SURPREENDENTE TRISTEZA

Uma tristeza atravessou meu quarto, intrometida, clandestina, evaporando minhas coisas mais legítimas, já não sei mais ter as inocências. Metalizada na cor e no sabor, sempre arrogantemente avançando, sem pedir licença, arrasta ao pântano, atola no barro, arranca o riso, separando-o da alegria, envolvendo-me em mal entendidos, fazendo sair do meu corpo, a sua regular função, para fugir disfarçada em alguma dor que espanto, convertido em um paciente, mesmo quando não adoecido.



FUGAS

Agudizadas as desconfianças, as tentações de organizar fugas se expandem. Posso contar que a verdade se fez nua e crua. Dispensando invenções, ela é mais do que minha imaginação possa conceber.

Ainda que eu possa viver permanentemente à margem. Faço algumas confidências, acredito que terei alguma recompensa na acolhida.

TENTAÇÃO

Avanço, não sem alguma hesitação, imagino haver encontrado um amor que ainda não conhecia. Transito por todos os lugares recuados, num instante me vejo caminhando por outros rumos. Esse amor se oferta para animar-me a ir atrás dele.

A maravilhosa tentação poderá ser uma arma exigindo-me apresentar o corpo do delito.



CALO OU DECLARO

Declaro-me plantado no meio do mundo, meio perplexo meio espantado, apareço para o que der e vier, desviando das confusões, evitando as extorsões, perdendo a confiança, aventurando-me a recuar menos. Conservo os mesmos temores que me visitam como antigas prudências. Presumo que me fragilizo mais que antes, tremo mais, vivo tendo que provar inocência no banco, na ficha preenchida, no fisco, na compra, na

venda. Obrigado a expor minha intimidade, declarar minha intenção. Investigam dentro de mim um suposto louco não declarado, um criminoso disfarçado ou um terrorista mal intencionado?

Rompo o desagradável silêncio que acompanha minha indignação. Sai de mim um profundo desprezo diante destas máquinas que me espiam dessas falsas portas que fracassam nas denúncias, pois por elas não passam Estados terroristas, arsenais atômicos, embargos, negociatas, cargos politicamente indicados, desvios de verbas, assédios sexual e moral, tráfico de armas, de drogas, de pessoas. Isentos os pedófilos, os incestuosos, os contrabandistas, os que se vendem e aqueles que compram. Os que negociam a consciência, a ciência, a ética, os que sequestram pessoas, bens, países. Há os que manipulam a história e a geografia, mudam a matemática e as estatísticas.

Algo me diz que convém ficar calado.

EVITO SENTENÇAS

Vivo como a consciência me dita que o faça. Evito sentenças tampouco provoco vereditos. Evito os onipotentes que com tão pouco decidem tanto, respondem sem perguntar, definem resolvidos com a cara limpa e a pretensão de serem proprietários da verdade. Seus narizes só conhecem a posição vertical, acostumados à arrogância são surdos aos protestos, sempre terão pretextos, negativas e mentiras. Vivem com o espírito indisposto a ouvirem revisões, incrédulos se habituem à tentação de ser deus, convictos da sua eleição cultivam calos no coração e impunidades no erro. Julgam diferentes a ricos e pobres, sobram em consideração nas trocas de favores com aqueles que não se recusam a pagar por seus serviços. Inabaláveis com as dores dos humanos pouco acreditam na inocência.

RISCOS

Deliciosas fantasias vieram tumultuar a minha alma. Corro o risco de em teus braços não alcançar o empenho, a dedicação e o reconhecimento, não conseguir excitar esses canais navegáveis, não ser reconhecido, nem tão completa e admiravelmente acolhido em minhas pretensões. Corro o risco de ficar retido nas ressacas, nos refluxos, inacessível nesses rios marginais que escoam minhas intenções.



FANTASIAS

As fantasias, as farei comuns, desanimadoras. Negarei a renúncia, omitirei cumplicidades. Caso não me queiras, tentarei minimizar a importância.

O FASTIO

O fastio me fez ter cara feia, cara de quem nada entendia, longamente adquirida, posta em marcha por decurso de prazo, por amores sem vocação, falta de permissões, de inspiração, de interesses comuns, por falta de hábitos e de monges. Isso me causou dano, faltou-me acostumar às impertinências, às maledicências, às maldições.



O QUE FICOU LÁ LONGE

Sinto uma saudade do que ficou lá longe de mim, insisto nessas viagens imaginárias, desejando o tempo congelado no verbo franco e no amor puro saindo deslumbrante, realizável, razoável, anunciando sonhadas intimidades. Encontro uma foto minha saindo com roupa de domingo com cara de quem vivia no lugar certo, sem lutas, lutos, conflitos, queixas, com apelos ouvidos.

TENTO APRENDER

Tento aprender a ter olhares que abram novos espaços, quero descobrir olhares que me vejam e me admirem.



UMA ALMA

Agora tenho uma alma que não tinha, faltam olhos que me reflitam, falta deixar-me levar pela ocasião, voo isolado, as dores não doem tanto, dói menos a falta do “eu te amo”. Levo alguns dias para definir uma empolgação, ainda que tardia e menos convicta. Estou extenuado das queixas infundadas e das autodeclarações de amor. Tenho uma paciência menos paciente e um amor desocupado sem haver desistido.

CUMPRO

Cumpro o destino ao formar na minha vida uma história nebulosa, não ligo a importância da sua realidade, antes que seja um engano, tampouco, grosseiramente é de toda veraz. Conheço todos os caminhos, menos aqueles que corrigem o acontecido passado e aqueles que antecipam o desconhecido futuro.



FRACAS RESISTENCIAS

Reconheço as fracas resistências durante as quais uma âncora grita insistentemente pela tua permanência

O QUE NUNCA TIVE

Exponho-me nas noites de carícias e pesquisas, ali as encontro férteis como as necessito, verto os excessos e me envolvo sem calcular o tamanho e a consequência, incauto sem perceber o perigo do amor que se manifesta exacerbado, faço extraordinário o tato. Elevo as energias e exalto a humildade que sensibiliza a intensidade, exacerbo a expectativa que a tudo excede. Assim fico doido por alcançar o que nunca tive. Haver sido escolhido importa, cegou-me, faço as carícias comuns que sei fazer. Animado viro cúmplice dando um tom entre o amistoso que me une a tua companhia. Inauguro novidades, invento-te ser um novo sustento, despojado de ânsias e exageradas, obrigações. A intenção maior me trouxe um alívio, eliminou o meu desamparo.

QUEM CONTROLA MEUS SENTIMENTOS

Não podendo mais controlar meus sentimentos suponho que as atitudes românticas e as simpatias fazem por mim um grande serviço para devolver-me a autêntica razão, criativa e sem vaidades. Toda vida a passei explicando-me as coincidentes diferenças que a franqueza ensina depois de duas taças e do calor de uma mão que oferece um punhado de afagos. Minha carência tem tanto a ver com tuas carícias que me pareces um invento, aproveito tudo o que me ofereces, opondo-me à minha vida solitária e vazia abro-te meu coração para repousá-lo na tua alegria.



TEMPO ADIADO

Passarei duas primaveras na tua pele outonal, com as mãos juntarei a água da chuva de um sedento semiárido que me atrai como se eu fosse sol. Desvestirei teu interior, será meu assunto principal, a prioridade. Ofertarei meu corpo para seguir teus passos, animar

teu medo para se revoltar contra as ameaças. Deixarei acontecer teu sono, quando cansada, e até mentirei para que festejes os sorrisos cotidianos e acates a dor e o susto. Adiarei o tempo falsificando os calendários para que não acabe a cada dia. Pouparei os dedos, não mais contarei as horas, apagarei a memória, todas as caricias serão novas.



BUSCO CONHECER

Só conheço uma parte da minha alma, aquela que se mostra faceira, no primeiro encontro reparte simpatia escondendo o ânimo turvado, estendo a mão, com cuidado até averiguar quem é ela, com quem eu falo. Se o riso é frouxo e o argumento inexistente, a quem se parece, se imita alguém, se suas diversões são inocentes. Se me vem oferecer a vida ou a bolsa, se consente antes de sentir, se mergulha fundo por cismas ou por urgências. Se afundada na euforia ou na tristeza imola seus interesses, sacrifica tudo o que tem, se a sinceridade é um bem durável, se o espanto ainda

existe, se faz o que fala e vive de obrigações acessórias e principais, se torna indispensável a procura, embora com facilidade se perca, se sabe que há aves que não voam, universos que não se veem, tristezas caladas, confissões ocultadas, arrependimentos, modéstias, questões injustas, palavras pouco proferidas, se expõe em público ou em privado sua castidade, enfim, se ela quer ser só minha ou uma mocinha conhecida, se fica nua como a verdade ou guardada como uma castidade.



HÁ UMA DOR ATRÁS DA OUTRA

Há uma dor atrás da outra dando ao meu corpo a fuga dos outros corpos que escapam ao meu controle. Deixo uma pena e dois pássaros para trás, tento olhar o que está por vir, o que vou querer, cruéis esperas se impõem como medos pondo à prova meus apegos.

Transportei esse amor que foi direto ao seu objetivo, em busca da cor, do perigo, da semente, da revelação, até deixar de ser uma fecunda tarefa.

VALE A MÁSCARA

Numa intensa amostra de coragem a vida me ensina que vale a pena lidar com desesperanças crônicas, pois na partilha de cuidados está o suporte para renovar e recuperar os interesses.



APARÊNCIA

A aparência de contraditório que envolve e autoriza a noção de juízo final, se incorpora como se nada mais fosse possível depois. Depois de conhecer a paz se fundam as lembranças em desesperada tentativa de jamais perdê-la.

TEMORES

Minha vida está impregnada de temidas despedidas. Experimento medos comuns de viver nos espaços da vida doados por tua doçura que temo perder. A abundância de haver-te experimentado envolveu delicadeza e deitou a paz em todos os meus arredores.



O CHORO DOS DESENGANADOS

Frequentar esse negócio de viver não se deixar enganar nem se desculpar por erros superficiais, enganos, ardis, armadilhas, excessos, traições. Nas pequenas e triviais astucias, fabrico iscas. São belas, porém escondem venenos. O pranto dos desenganados sempre é tardio, no tempo de eles compreenderem o refluxo, o movimento já lhes atirou contra as pedras como que dizendo: “vai, aprende a caminhar na pedreira já que o caminho das pedras, se transformou em trilha e se apagou”.

FINGIR

Fingir-me grande pessoa pouco significa, porque a arrogância me exige a companhia de outras farsas para as quais não fui educado estocar. O escrúpulo e a honra não permitem o mal uso da maldade, ainda que sabida e usável. O que pode inundar-me como pessoa capaz de consciência são as marcas eternas da memória, que se me apresentam no jogo da vida, sempre que a vida faça necessário jogar. O mínimo que tento é não sofrer. Porém fico com um pesar que argumenta ser a vida uma sucessão de quedas inevitáveis. Quanto mais desesperada tentativa de não sofrer, mais difícil o cumprimento da promessa de sustentar da esperança e da alegria.

SENDO

Sendo as mesmas bases as que formam a felicidade e a infelicidade, suponho que em um mesmo voo os caminhos aconteçam, facilitando ou impedindo que fique concedida a liberdade de escolher, e qual resgate deixar.



CONSOLAR

Consolar-me-ei como essa gente sozinha.



HAVENDO SONHOS

Havendo sonhos totalmente opostos aos meus, aprendi a não acreditar.

DE ALGUMA FORMA

Excluo um incômodo indesejável. Quando contra a minha vontade, algum infortúnio presume que eu aceito enganos e categorias, acabo agrupado aos que se satisfazem com conhecimentos superficiais que me mandar ficar calar-a-boca e fingir-que-não-é-comigo. Se essas atitudes não me matarem antes do tempo, se essa terra não me comer, sobreviverei de alguma forma.



PRÓXIMA TENTATIVA

Deixa de vigorar a voz que finge agrado, a declaração que não alcança a alma. De repente, aparece a necessidade sem itinerário, isolada, que, despida da execução, conversa com o nada se apoiando numa esperança arruinada. Tenho o hábito da incômoda transparência declarada. Arremesso os medos, as imaginações quentes e a opinião corroída em meio as sentenças que demitem meu amanhã e a minha próxima tentativa.

VAGA LEMBRANÇA

Lembro vagamente quando não tinha consciência do tempo que passava. Ventava muito naquele tempo. Alguns eucaliptos cresceram no eterno embate das rivalidades, insistindo em ser sombra fiel, enquanto luziam novos sentires. A vida avançava anunciando uma nova era sem brinquedos artesanais.



VALIDO VIVER

Quero deixar de sonhar para encontrar na vigília algo que valha tanto quanto. Sem pretender uma substituição plena, faço válido viver sonhando, intrometo meus sonhos na realidade até confundi-los, até misturar as fronteiras. Nesse intento, magnifico o presente por sustentar o meu viver.

DENTRO

Espalho tentações imprevistas que, cansadas de guarida, saem do repouso aos borbotões inundando de desordens os compassos, os prazos, as esperas.



SEM O ECO DOS RISOS

A derradeira lembrança será guardada num precioso lugar sem o eco dos risos, carregada com a ilusão de ser livre.

DEMISSÃO

Dispo meu corpo, retiro-o de circulação sem nenhuma expectativa. Jogo-o para longe do alvoroço dos toques banais, ainda que sobre a vida preponderem relações viciadas, sem reverências. Quero meu corpo longe das hipocrisias coreografadas, irei até perder de vista as intimidades transmissoras de suspeitas.



INCLUSÃO

Gostaria de ter feito uma inclusão, diante de todos, experimentado algumas imprudências pertinentes aos meus sentimentos. Gostaria de haver aceitado que o desejo fosse proprietário da minha conduta e motor de todas minhas ações. Fosse o alimento para pecar, para ofender, para envilecer, para gostar e desgostar, para antecipar e adiar, para fingir convicto e amenizar sincero. Dono do texto e do contexto me torna presente nos encontros e nos desencontros.

NÃO SEI VOLTAR

És muito mais do que a minha imaginação possa conceber. Depois de ti não sei voltar atrás. Nomeio o idílio, proponho o idioma, reviso a lei, relembro a voz, a calma e a pronúncia. Envolve-me em segredos. Para conquistar regulo e alimento todas as inspirações, entrego todo os pontos.



Roberto Curi Hallal

